

Lucy Lany Ribeiro Gusmão
Deilson do Carmo Trindade

GUIA PARA MUNDOS POSSÍVEIS

Formação docente e Gênero no técnico de nível médio no IFAM



FAPEAM
Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado do Amazonas



PROFEPT
MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL
Amazonas

Autoria

Lucy Lany Ribeiro Gusmão

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6668762192922859>

E-mail: lucygusmao43@gmail.com

Deilson do Carmo Trindade

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0602516200714965>

E-mail: deilson@ifam.edu.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca do IFAM – Campus Manaus Centro

G982g Gusmão, Lucy Lany Ribeiro.

Guia para mundos possíveis: formação docente e gênero no técnico de nível médio no IFAM / Lucy Lany Ribeiro Gusmão, Deilson do Carmo Trindade. – Manaus, 2025.

78 p. : il. color.

Produto educacional oriundo da dissertação: Gênero na organização do currículo integrado dos cursos técnicos de nível médio na forma integrada (Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica). – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, *Campus* Manaus Centro, 2025.

ISBN 978-65-83758-24-8

1. Educação profissional e tecnológica. 2. Gênero. 3. Currículo. I. Trindade, Deilson do Carmo. (Orient.) II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. III. Título.

CDD 370.7

Elaborada por Márcia Auzier CRB 11/597

 CC BY-NC-SA 4.0

Guia para Mundos Possíveis: Formação Docente e Gênero no técnico de nível médio do IFAM © 2025 por Lucy Lany Ribeiro Gusmão está licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



Descrição técnica do produto



Origem: Desenvolvido a partir da pesquisa “Gênero na organização do currículo integrado dos cursos técnicos de nível médio na forma integrada” no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, Campus Manaus Centro.

Área de conhecimento: Ensino.

Categoria: Guia didático.

Público-Alvo: Corpo docente e pedagógico interessados em compreender as questões de gênero no ambiente institucional.

Finalidade: Sensibilizar e estimular práticas de ensino mais inclusivas quanto às questões de gênero.

Organização: É composto por módulos.

Avaliação: Este produto educacional foi avaliado por 10 participantes. Sendo também validado pela banca examinadora de dissertação e produto educacional no ano de 2025.

Divulgação: Por meio digital.

Disponibilidade: Irrestrita, se preservando os direitos autorais, não sendo permitido uso comercial do produto.

URL:
<https://www2.ifam.edu.br/profept>

Idioma: Português.

Cidade: Manaus-AM/País: Brasil.

Ano: 2025.

Sumário

Primeiros passos: Um convite à Caminhada

4

Por que Este Guia?

8

Módulo 1 - O que é gênero, afinal? Conceitos fundamentais

11

Módulo 2 - Onde estamos? Situando a prática docente no nível médio técnico integrado

23

Módulo 3 - Por um currículo integrado sob uma perspectiva de gênero

44

Módulo 4 - Planejando Mundos Possíveis: Propostas para trabalhar gênero

60

Sobre Lucy e Deilson

65

Primeiros passos: Um convite à Caminhada

Prezadas e prezados docentes,

É com grande satisfação que lhes apresentamos este guia didático, desenvolvido para contribuir com a reflexão sobre as questões de gênero no ensino médio integrado, além de buscar sensibilização para o tratamento dessas temáticas no planejamento curricular.

Compreendemos que existem muitos desafios envolvidos na abordagem de gênero, um deles é a ausência de formações iniciais e continuadas para a comunidade escolar. Dada a delicadeza do tema, elaboramos esse material com o intuito de fornecer subsídios para que você, docente, tenha um ponto de partida em suas reflexões sobre o tema.

Entendemos que o caminho de construção de novas práticas de ensino é dificultoso, por carecer de disponibilidade, tempo, pesquisa e planejamento. Portanto, o guia objetiva colaborar com a introdução de conceitos-chave e sugestões de atividades para que você possa ter noção dos conceitos básicos e, posteriormente, possam surgir ideias de atividades a serem planejadas para o corpo discente.

Esperamos que esse guia gere inquietações em suas práticas, pois os incômodos e dúvidas são frutíferos para o impulso na busca por novos conhecimentos, podendo enriquecer nossas práticas em sala de aula.

Foi em decorrência da inquietação da pesquisadora ao explorar o tema, ingressando na jornada da graduação em História, vivenciando o estranhamento advindo da ausência de representação das mulheres ao longo da trajetória escolar, uma vez que comumente as mulheres faziam parte de seções secundárias nos livros didáticos. Não somente mulheres, mas também indivíduos que, de alguma forma, fogem às normas sociais convencionadas.

A procura por compreensão das relações sociais, os porquês de os comportamentos serem atribuídos a um gênero ou outro, o que de fato nos torna homens e mulheres são alguns motivadores da minha iniciativa nos estudos de gênero.

Evidentemente temos motivações diferentes, entretanto podemos ter pontos em comum, como a luta por reconhecimento e valorização da diversidade humana. A diferença sendo olhada como um aspecto positivo e enriquecedor, não como um aspecto a ser intolerado e/ou discriminado.

Este material foi desenvolvido com base em pesquisa realizada com docentes que atuam ou atuaram no curso técnico de Edificações na forma integrada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM) – Campus Manaus Centro. A pesquisa é originada no âmbito do programa de mestrado em educação profissional e tecnológica em rede nacional – ProfEPT.

Buscamos trazer caminhos conceituais e metodológicos que você possa trilhar no entendimento do campo de gênero, os entrelaçamentos das temáticas com os fundamentos da educação profissional e tecnológica de nível médio e as reverberações disso no mundo do trabalho.

O Guia de formação é um convite para profissionais da educação iniciarem reflexões acerca das questões de gênero no ensino médio integrado, visando a uma formação mais crítica e consciente das questões de gênero no espaço escolar. O material visa contribuir para sua formação continuada, pois, como afirma Marie Curie (1923, p. 168):

Você não pode esperar construir um mundo melhor sem melhorar os indivíduos. Para esse fim, cada um de nós deve trabalhar para o seu próprio aperfeiçoamento e, ao mesmo tempo, compartilhar uma responsabilidade geral por toda a humanidade.



Como melhoramento e aperfeiçoamento, relacionamos a necessidade de formação continuada para os profissionais da educação, porque a aquisição de novas informações é somente um passo rumo à construção do conhecimento e à intervenção na sociedade. Desejamos que o material contribua significativamente para sua formação. Boa leitura!

Lucy e Deilson

Por que Este Guia?

Pode ser que seja difícil de perceber, por vezes carregamos visões que demarcam lugares e comportamentos de gênero, como ideias de como cada pessoa deve se portar, vestir e pensar conforme seu gênero. Embora sejam pensamentos comuns, não contemplam a diversidade de ser e existir no mundo..

No mundo do trabalho, isso se reflete na estigmatização de determinados sujeitos, como mulheres e/ou indivíduos que fazem parte da população LGBTQIAPN+, ou seja, lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, não-binárias e outras identidades ou orientações afetivossexuais.

A formação para o exercício da cidadania não está dissociada de uma formação que aborde as desigualdades e violências de gênero, as diferentes formas de viver o gênero e a sexualidade e a necessidade de construção e manutenção de políticas públicas no combate a essas discriminações.

Diante desse cenário, é significativo construir práticas educativas e uma cultura escolar mais equitativa, tendo em vista uma formação humana integrada, por meio do fortalecimento do senso crítico e da autonomia dos indivíduos na promoção de uma sociedade menos desigual.

Este guia é composto de quatro módulos. O primeiro módulo busca introduzir gênero ao apresentar os principais entendimentos do conceito no campo de estudos de gênero, esclarecendo a perspectiva adotada e apresentando reflexões acerca de como entendemos gênero.

O segundo módulo apresenta elementos fundamentais da Educação Profissional Técnica de Nível Médio na forma integrada e suas relações com gênero, como o trabalho como princípio educativo, a pesquisa como princípio pedagógico e a formação humana integrada.

O terceiro módulo discute alguns pressupostos do currículo integrado, dialogando com as questões de gênero, a integração entre disciplinas e a problematização como um guia.

Por fim, o quarto módulo trata de ideias e sugestões do planejamento de atividades entre as disciplinas e boas práticas de outros institutos federais que possuem na sua agenda eventos e formações voltadas para promoção da educação de gênero e diversidade.

Desejamos que o guia possa democratizar a apropriação dos conteúdos dos estudos de gênero e, a partir disso, estimular o planejamento de ações mais inclusivas no currículo e no projeto pedagógico de curso.



Módulo 1:

O que é gênero, afinal?
Conceitos Fundamentais

Objetivo:

Introduzir noções de gênero

Conteúdos:

Gênero como um campo teórico
Gênero como uma categoria de análise



Gênero como um campo teórico

O conceito de gênero possui uma história própria, assim como muitos outros conceitos. O termo possui origem nos estudos feministas, sendo utilizado com significações próprias e constituindo-se como um novo campo de estudos científicos, caracterizado por valorizar a diversidade e a pluralidade das experiências humanas, em oposição a binarismos nas concepções da realidade (Matos, 2008).

A seguir, destacamos alguns pontos das contribuições desse campo de estudos, tendo como referência as autoras Joan Scott (1995, 2012) e Judith Butler (2018):

- **Questionar** as diferenças naturalizadas entre homens e mulheres, ressaltando o gênero como uma construção social;
- **Considerar** a pluralidade de feminilidades e masculinidades, indo além do binarismo centrado em homem e mulher; masculino e feminino; homossexual e heterossexual.
- **Entender** que tanto gênero quanto sexo são interpretados pela sociedade, ou seja, como a sociedade organiza e interpreta as diferenças corporais. Essas definições não são neutras - refletem valores, disputas e mudanças ao longo do tempo.

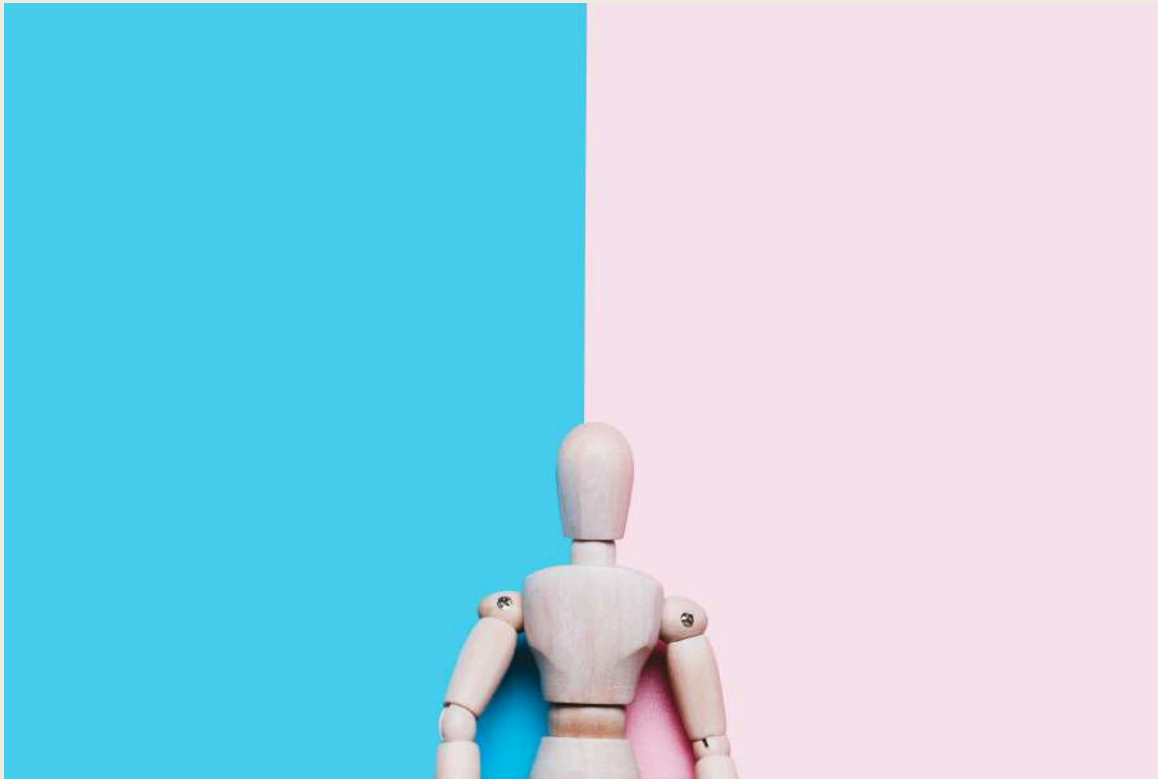
- **Diferenciar gênero e sexo**, o primeiro indicaria construções sociais, ou seja, como os papéis sociais atribuídos ao masculino e feminino são produtos do contexto histórico, social e cultural. O termo sexo, por sua vez, indicaria a designação biológica conforme a estrutura genital externa e interna do indivíduo. Em síntese, o gênero estaria para a cultura, assim como o sexo para a natureza.

As contribuições evidenciam que os estudos de gênero ampliam mais do que perspectivas teóricas e metodológicas, convidam-nos a pensar nas lógicas que naturalizam desigualdades. Na escola, por exemplo, muitas vezes, associamos as meninas a tarefas que requerem habilidades emocionais e os meninos, às habilidades lógicas ou quando trabalhamos os materiais didáticos ou práticas pedagógicas que não reconhecem a diversidade de gênero e sexualidade. Para entender melhor, precisamos falar de dois conceitos: sexo biológico e identidade de gênero.

O **sexo biológico** é atribuído muito antes do nascimento, na maioria das vezes, quando exames de ultrassom identificam os órgãos genitais do feto e anuncia-se: “É um menino!” ou “É uma menina!” A partir desse momento, uma série de expectativas sociais se sobrepõe a uma vida.



Corpos que nascem com vulva, vagina e clitóris são classificados como femininos, corpos com pênis e testículos são definidos como masculinos. Corpos que nascem com ambos os genitais desafiam a naturalidade desse sistema, chamados de intersexuais.



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.

Ao nascer, nosso corpo já está inscrito em uma estrutura com normas claras, que nos assegura o que é certo, desejável e aceitável. Essas normas culturais e sociais definem quais comportamentos são esperados de nós com base no nosso sexo biológico.

Roupas, brinquedos, adereços e sonhos são ajustados conforme as normas de gênero, que associam meninas à cor rosa e à delicadeza, enquanto meninos à cor azul e à força.

Existe a expectativa de que todas as pessoas se identifiquem com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. **O que acontece quando alguém não se reconhece nessas expectativas?**



Fonte: Estefania Vizcaino (2025)/Canva.

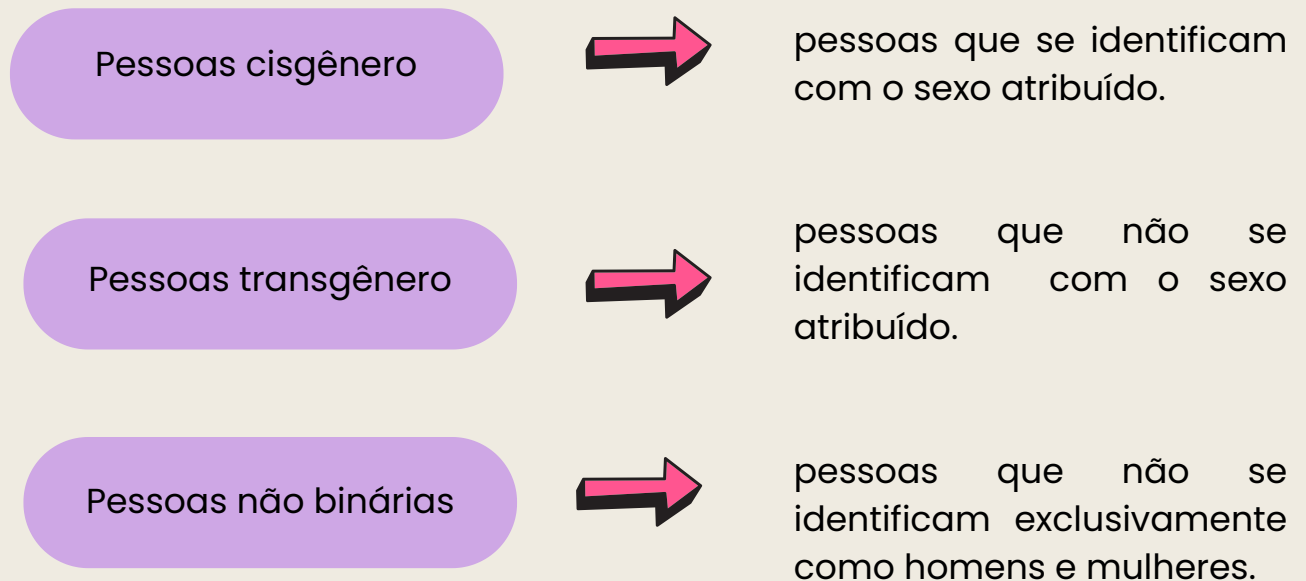
Como vimos, o sexo biológico é apenas uma das dimensões que nos constitui, mas que não define quem somos.



Você já ouviu falar de identidade de gênero?

A identidade é um processo complexo, um dos aspectos que fazem parte de como alguém se reconhece. Pode ser entendida como um processo que nunca está inteiramente acabado. Assim são as identidades de gênero e sexuais (Louro, 1997). **A identidade de gênero diz respeito a como alguém se reconhece, define-se independentemente de expectativas sociais ou sexo biológico.**

As possibilidades de vivência da identidade podem ser:



Assim como a biologia nos mostra que o sexo é uma combinação complexa de cromossomos, hormônios, anatomia, a experiência de gênero revela que cada identidade é uma construção humana e diversa. Como educadores, cabe a nós garantir que essa diversidade seja respeitada em sala de aula para que a experiência discente seja valorizada em sua plenitude.



Fonte: Oxfam (2020).

Você conhece Laerte Coutinho?

Quadrinista premiada, referência nas tiras que abordam política, críticas sociais e identidade de gênero. Tornou-se ícone na comunidade trans ao assumir publicamente sua identidade como uma mulher trans aos 50 anos, em 2010.

E a orientação sexual?

É como vivenciamos a atração afetiva e sexual por outras pessoas, ou seja, com quem desejamos nos relacionar afetivamente e/ou sexualmente. É um aspecto da sexualidade. Conforme a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 2019, p.17):

A sexualidade é complexa e inclui dimensões biológicas, sociais, psicológicas, espirituais, religiosas, políticas, legais, históricas, éticas e culturais que evoluem ao longo da vida.

Existem diversas orientações, como pessoas lésbicas, gays, bissexuais, assexuais, entre outras. Cada pessoa vivencia sua orientação de maneira particular, influenciada por suas trajetórias e contextos sociais.

A expectativa de que as pessoas atendam às normativas sociais de gênero e de uma orientação sexual tida como norma, a heterossexualidade, configura-se como um sistema que invalida quem não se encaixa nessas normas, como as pessoas LGBTQIAPN+. No ambiente escolar, essa conduta pode se manifestar, por exemplo, de uma das seguintes formas:

Caso exemplo: O regimento da instituição proíbe o namoro nas dependências da escola, porém, na prática, a aplicação é seletiva. João e Ana se beijam na biblioteca. A bibliotecária os vê e dá uma advertência verbal, sendo orientados a manter o respeito.

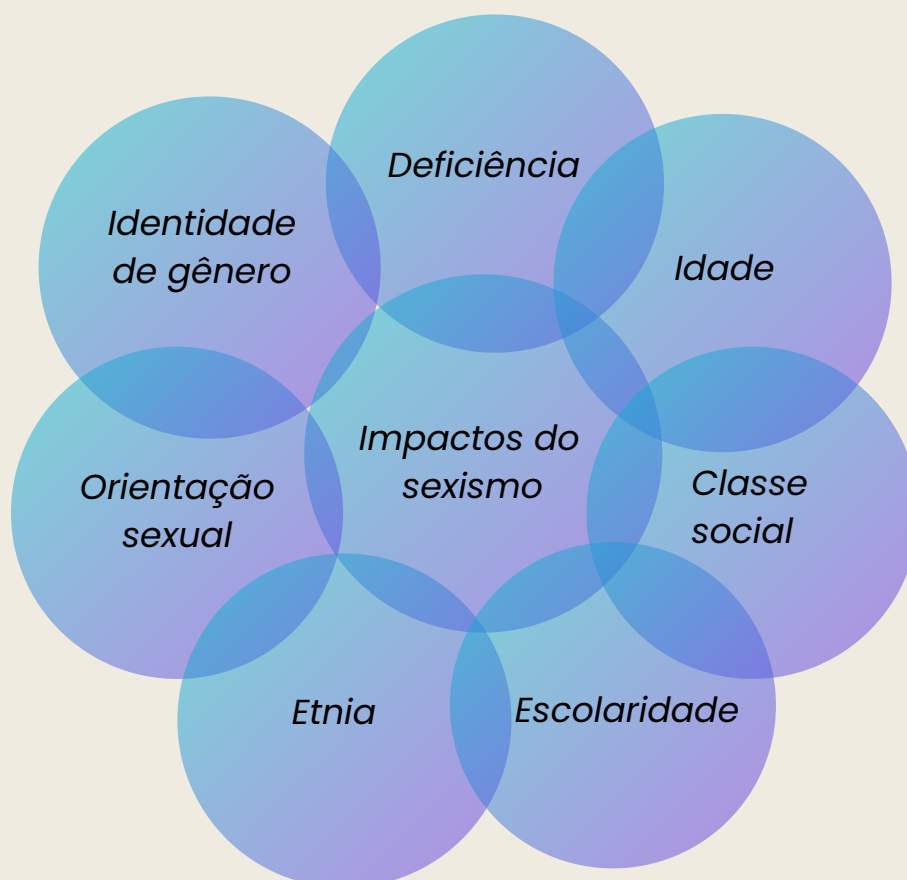


Em outro contexto, André e Júlio se beijam, ambos são levados à coordenação. Contudo, nesse caso, são chamados os pais e até é aplicada uma suspensão, ocorrendo uma diferença de tratamento por uma lógica que legitima somente o relacionamento entre um homem e uma mulher.



Essa reprodução de pensamentos e práticas tem como ponto comum o **sexismo**, um sistema que hierarquiza com base no gênero, definindo rigidamente quais papéis as pessoas devem cumprir. O sexismo é um problema, uma opressão, que molda nossos comportamentos e pensamentos (bell hooks, 2018).

Não está apenas no nível pessoal, perpassa estruturas sociais, de modo sistemático, privilegiando uma masculinidade predominante (branca, heterossexual e cisgênero) ao subordinar mulheres e identidades dissidentes. A seguir, apresenta-se um esquema de como o sexismo se desdobra em diferentes realidades.



Sexismo e LGBTQIAPN+

Nas pessoas LGBTQIA+, o sexismo tem efeitos específicos para cada grupo. A violência direcionada às mulheres cis-heterossexuais se expressa na forma de dominação e controle dos corpos. Enquanto, para mulheres lésbicas e bissexuais, esse controle se manifesta na patologização e ódio direto (Pereira, 2018).

A violência direcionada a essa população possui a denominação de LGBTfobia, definida por exclusões, constrangimentos, agressões psicológicas, físicas e verbais motivadas pela rejeição à identidade de gênero ou à sexualidade, sendo resultado de um sistema que define o que é “normal” em termos de gênero e sexualidade.

Na escola, essas violências podem se manifestar por meio de:

- Piadas e xingamentos (Ex.: Aquele *viadinho*);
- Negação da identidade (Recusar-se a utilizar o nome social do/da estudante trans);
- Violência física e psicológica (perseguição, humilhação, exclusão).



Você sabia?

- A homossexualidade só deixou de ser uma doença pela Organização Mundial da Saúde (OMS) há 35 anos. Isso mostra como a ciência pode reforçar preconceitos, mas também passar por transformações.
- A Defensoria Pública do Estado do Amazonas dispõe da cartilha: “Reage! Contra a LGBTifobia”. [Clique aqui para conferir.](#)



Gênero como categoria de análise das relações sociais

Agora, para compreender melhor as concepções teóricas presentes nos estudos de gênero, começemos com a abordagem de uma das teóricas mais influentes desse campo, Joan Scott. A historiadora marca o campo de estudos de gênero ao sistematizar gênero como uma categoria de análise histórica das relações sociais.



Joan Wallach Scott é professora emérita do Instituto de Estudos Avançados de Princeton pela Escola de Ciências Sociais. Possui Doutorado em História. Autora de um dos textos mais clássicos dos estudos de gênero “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” publicado em 1986. Traduzido em 1995 no Brasil pela revista Educação & Realidade.

Fonte: Institute For Advanced Study.

O conceito carrega complexidades, mas, em resumo, podemos dizer que a autora encara o gênero como um termo que evidencia a construção dos papéis sociais, que moldam as relações entre homens e mulheres, juntamente com as relações de poder presentes na sociedade. A seguir, foi feito um esquema com dois principais artigos da autora, resumindo suas ideias mais relevantes.

Esquema baseado em "Gênero como uma categoria útil de análise histórica" (1995) e Usos e abusos do Gênero (2012) de Joan Scott.

Rejeição a determinismos biológicos nas interações entre os gêneros

Várias definições de homem/mulher, masculino/feminino

GÊNERO

Presente nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas

Uso implícito das noções de gênero

Fonte: Gusmão, 2024.

Há, portanto, uma **crítica aos determinismos biológicos** nas interações entre os gêneros, uma recusa às concepções de que nosso modo de ser e estar no mundo é determinado exclusivamente por nossa natureza biológica.

Não se trata de negar as diferenças entre os corpos, mas, sim, evidenciar como essas diferenças são entendidas e utilizadas de modo a justificar hierarquias e características supostamente inatas a cada sexo ou gênero. Apresentamos alguns exemplos a seguir:

“Mulheres são mais cuidadasas”



Fonte: The Winnie Collection (2025)/Canva.

“Meninos são melhores em cálculos”



Fonte: Annastills (2025)/Canva.

“Isso é coisa de homem”



Fonte: SimpleFoto (2025)/Canva.

“Isso é coisa de mulher”



Fonte: Getty images (2025)/Canva.

Em uma mesma sociedade, um grupo de pessoas classificadas como “mulheres” ou “homens” apresenta inúmeras características muitas vezes destoantes do que significa ser “homens de verdade” ou “mulheres de verdade” em um senso predominante.

Uma figura histórica que exemplifica como as masculinidades e feminilidades variam ao longo do tempo é a do rei francês Luís XIV no século XVII, que é considerado um dos ícones luxuosos da sua época, sendo conhecido por muitos pelo uso de perucas e saltos.

A adesão à moda era uma maneira de evidenciar o seu poderio e superioridade, enquanto, sob nosso olhar contemporâneo, as vestimentas e os adornos que um indivíduo utiliza possuem relação direta com a própria sexualidade (Rodrigues, 2020).

Geralmente aspectos dos comportamentos das pessoas, como ser “homem de verdade”, podem implicar uma única visão de masculinidade, a qual se traduz na ideia de o homem não poder apresentar sensibilidade, emoções ou realizar atividades consideradas femininas, como as próprias atividades domésticas, sem ser julgado. Essa perspectiva perde de vista que existem masculinidades e feminilidades.



Fonte: Vintage illustrations (2025)/Canva.

Nas tradições religiosas ocidentais, duas figuras bíblicas, Eva e Maria (mãe de Jesus), expressam contrastes na visão representativa sobre as mulheres. A primeira representa desobediência e perigo, enquanto a segunda, obediência e pureza.

Essas imagens vão além dos símbolos, influenciam concepções de comportamentos a serem adotados ou evitados por mulheres, por exemplo, podendo ser perpetuados por instituições como família, Igreja, Estado e escola.



Fonte: YuriArcus (2025)/Canva.



Fonte: Getty images (2025)/Canva.

Os símbolos constroem significados de ser homem/mulher ou masculino/feminino, e, em um espaço como a escola, tendem a fixar os estereótipos, como esperar que meninas expressem o que se considera “bom comportamento”, enquanto meninos apresentem agitação e agressividade, reações tidas como “coisa de menino”.

O gênero está presente na constituição de diversos sistemas, que, por sua vez, possuem o papel de reafirmar noções predominantes acerca do gênero de acordo com valores e crenças próprios. Portanto, as doutrinas religiosas, jurídicas, científicas e educativas possuem sua função na reafirmação de ideias determinadas mediante discursos.

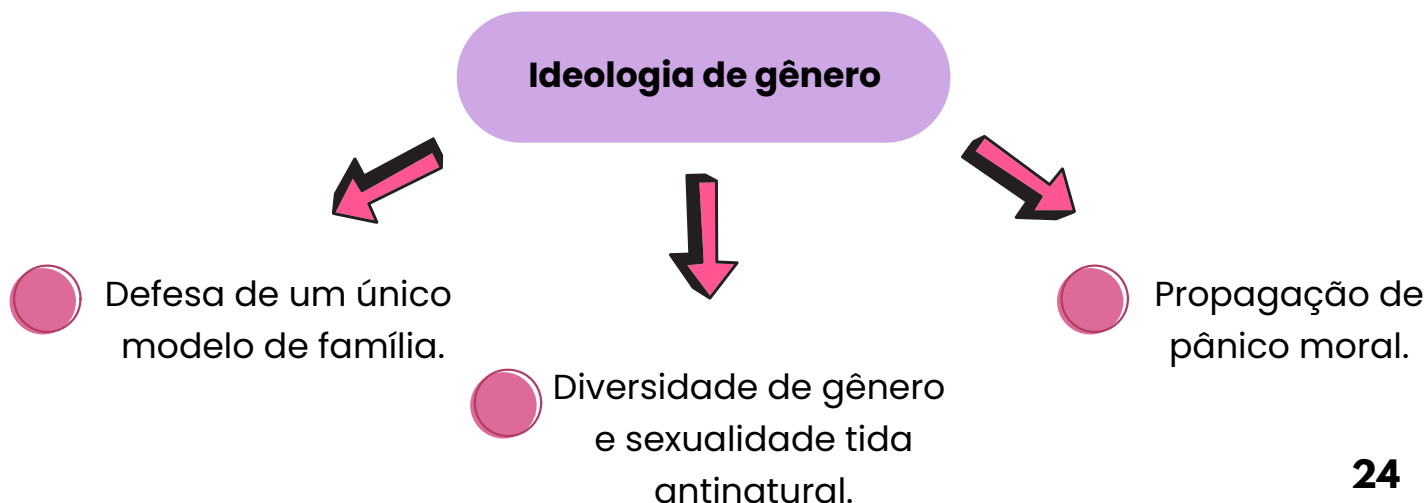
São frequentes os posicionamentos antigênero, que interpretam esse campo de estudos como uma “ideologia de gênero”. Tais posturas estão associadas à negação dos conhecimentos científicos produzidos no campo de estudos de gênero, baseadas em uma concepção de família e valores considerados naturais.

Gênero é um campo de estudo constituído de conflitos, seja entre embates teóricos, seja nas dimensões de discursos afirmados na esfera social, política e religiosa.

**E a ideologia de gênero?
Existe?**



A expressão “ideologia de gênero” é um termo cunhado em um âmbito de setores religiosos conservadores como um modo de caracterizar a luta contra as desigualdades de gênero, a diversidade de orientações afetivossexuais, entre outros, pois, conforme os discursos cristãos, essas reivindicações atuam na contramão do que consideram a verdadeira natureza entre homens e mulheres (Miskolci e Campana, 2017).



A “ideologia de gênero” da forma como é colocada por esses grupos não faz parte da produção dos conhecimentos das Ciências Sociais e Humanas acerca do campo dos estudos de gênero e feminismos.

O termo em questão foi aderido por partidos e segmentos políticos extremistas, não somente em discursos, mas, na prática, na elaboração de projetos de lei no Congresso Nacional que visam intervir nas práticas docentes, alegando-se estar sob o risco de “doutrinação” dos alunos por parte dos docentes.

E o que seria a defesa dessa ideologia?

A ideologia de gênero existe, porém não da maneira que somos levados a acreditar; os grupos que acusam a sua imposição são os mesmos que buscam mantê-la (Junqueira, 2019). Estão ligados à busca por manutenção de hierarquias baseadas em gênero, discriminações fundamentadas em valores pessoais, defesa de uma única forma de viver os desejos e a sexualidade abonada como natural, entre outras ideias.

Nem sempre as noções de gênero que orientam sistemas são explícitas, mas evocam representações entre os gêneros que funcionam como referência.

As alunas e os alunos carregam diferentes representações dos significados de ser homens, mulheres, indivíduos que fogem a essas normas, seja no gênero, seja nas experiências afetivossexuais nas relações com as outras pessoas.

**A diversidade é uma realidade trazida
por docentes e discentes**

Abordar questões de gênero requer um esforço coletivo de gestores, pedagogos, docentes, discentes, por ser um dos primeiros passos na transformação de percepções e minimização do preconceito rumo a uma formação humana integrada.



Fonte: Alessandro Biascioli (2025)/Canva.

Saiba mais



O documentário "**O silêncio dos homens**", produzido com o apoio da ONU Mulheres, apresenta dados de pesquisa, revelando o impacto do machismo no desenvolvimento de homens e a problemática que envolve a instituição de um único modelo de masculinidade no convívio social. Está disponível no YouTube.



Confira o documentário completo.

Recomendamos a leitura do capítulo "**Gênero: a história de um conceito**", do livro "Diferenças, igualdade", da antropóloga Adriana Piscitelli, que introduz de forma didática a trajetória do conceito de gênero no Brasil e no mundo.



Confira o capítulo completo.

Agora que já temos algumas noções de gênero, o que acha de aprofundar mais seguindo algumas das nossas recomendações de leitura e perguntas propostas?

Roteiro 1

Tema: Noções de gênero

Objetivo: compreender as noções de gênero e a importância da abordagem na prática docente

Reflexão inicial: Qual sua percepção sobre gênero e/ou questões de gênero?

Sugerimos a leitura do texto da professora Heloísa Buarque de Almeida (2003) "Por que falamos gênero?" Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=643138>

Perguntas norteadoras:

Para você, o que significa ser homem ou mulher?

Quais ideias presentes no texto geram impacto na sua percepção sobre gênero?

Como você acha que as ideias presentes no texto fazem parte da formação educacional e profissional?

Você percebe questões envolvendo gênero no cotidiano da sala de aula?



Módulo 2: Onde estamos? Situando a prática docente no nível médio técnico integrado

Objetivo:

Apresentar elementos fundamentais dessa modalidade de educação.

Conteúdos:

Trabalho como princípio educativo
Pesquisa como princípio pedagógico
O que gênero tem a ver com EPT?
Formação Humana Integrada
Desafios do mundo do trabalho

A Educação Profissional Técnica de Nível Médio – EPTNM presente nos Institutos Federais (IFs), possui em sua constituição os seguintes princípios norteadores:

Trabalho como princípio educativo



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.

Pesquisa como princípio educativo



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.

Articulação entre ciência, cultura e tecnologia



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.

O ano de 2003 é um marco nas discussões de políticas e perspectivas que compõem a integração do ensino médio brasileiro à educação profissional. Busca-se alinhar as necessidades dos estudantes tendo em vista as desigualdades sociais, que demandam uma inserção imediata no mercado de trabalho, ao mesmo tempo, visando ao crescimento econômico do país.



Maio/Junho de 2023:

- **Seminário Nacional “Ensino Médio: Construção Política”**
- **Seminário Nacional de Educação Profissional “Concepções, experiências, problemas e propostas”**



Prioridades:

- **Superação da fragmentação histórica desse nível;**
- **Construção de uma formação humana integrada centrada nos sujeitos;**

Nesse contexto, o processo formativo centra-se em uma formação integral, oferecendo uma base de conhecimentos técnicos, críticos e práticos, capaz de preparar os estudantes para atuar de maneira competente e reflexiva em contextos profissionais e sociais diversos.

Nos próximos tópicos, apresentaremos os princípios mencionados, discutindo como eles se aproximam de práticas de ensino e desafios sociais, como as desigualdades de gênero. Esses princípios se apresentam como ferramentas para repensar uma educação mais crítica.

Trabalho como princípio educativo

“ É fundamental socializar, desde a infância, o princípio de que a tarefa de prover a subsistência e outras esferas da vida pelo trabalho é comum a todos os seres humanos, evitando-se, dessa forma, criar indivíduos, grupos ou classes sociais que naturalizam a exploração do trabalho de outros (Frigotto, 2008, p. 402). ”



Fonte: MST (2015).

Uma formação que tenha uma identidade centrada na pessoa humana não deve se concentrar somente no mercado de trabalho, mas também no desenvolvimento da autonomia dos indivíduos e de condições para que eles trilhem os próprios caminhos. Portanto, o preparo para o exercício do mundo do trabalho é uma necessidade e um direito.

Reparou que até agora utilizamos as expressões “mercado de trabalho” e “mundo do trabalho”?

Isso ocorre porque existem sentidos de trabalho, como nas seguintes formas históricas de trabalho: servil, escravo e assalariado.



No sentido ontológico, o trabalho se configura como uma necessidade de produção de existência humana, entendido como um meio pelo qual os seres humanos criam e recriam suas interações. O trabalho é ainda um mediador na relação humana com a natureza, que também é dialética, ou seja, à medida que transformamos a natureza, também somos transformados.

O mundo do trabalho abrange uma complexidade de relações, atividades, normas, subjetividades, entre outros fatores, que caracterizam o trabalho como atividade humana (Figaro, 2008).



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.

Para isso, a compreensão da produção do conhecimento científico é um pilar fundamental para que os indivíduos tenham uma dimensão total da realidade.

O trabalho como princípio educativo carrega o potencial de humanização quando possui a finalidade de construir uma formação humana integrada.

Pesquisa como princípio pedagógico

“ (...) instiga o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gera inquietude, para que não sejam incorporados ‘pacotes fechados’ de visão de mundo, de informações e de saberes, quer sejam do senso comum, escolares ou científicos (Ramos, 2014, p. 94). ”



Fonte: IFRN (2016).

Mas afinal, o que é essa pesquisa?

É comum que a pesquisa incorpore um imaginário associado a inovações e descobertas, não à toa, faz-se presente em filmes de ficção científica, novelas, desenhos animados e programas de televisão.

Quem nunca viu a representação dos típicos “cientistas malucos”? Geralmente, personagens masculinos são compostos de visuais e invenções excêntricas.

Acontece que a figura do “pesquisador”, utilizado no masculino, acarreta um distanciamento da realidade, o que se soma aos mitos de que fazer ciência é uma atividade para um grupo minoritário de pessoas, em sua grande parte, representado por homens.

Ao pensar no ensino, os mitos em torno da pesquisa estão presentes ao diferenciar a atividade do pesquisador como algo distante do trabalho docente e, este, do processo da pesquisa. Contudo, Freire (1996, p.16) afirma:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino



Fonte: UNESCO (2020).

É um equívoco associar que o domínio teórico cabe ao pesquisador e a prática, ao docente. Ensino e pesquisa estão entrelaçados quando se trata de produzir e comunicar conhecimentos. A pesquisa não se configura exclusivamente como busca pelo conhecimento, mas também como intervenção na realidade. É um processo.



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.

É uma atividade com potencial de propiciar um ambiente mais criativo, a depender de como é conduzida, estando diretamente ligada à produção e à socialização dos conhecimentos.



Fonte: Getty Images (2025)/Canva.

“

A pesquisa é uma forma de incentivar uma continuidade da aprendizagem dos sujeitos no âmbito do trabalho e da vida social (Brasil, 2021).

É, portanto, fundamental para criação de condições emancipatórias dos sujeitos, uma vez que esse processo se inicia com questionamentos e autocrítica.

“

A pesquisa é um constante diálogo com a realidade (Demo, 2006).

É verdade que a pesquisa precisa estar integrada às práticas de ensino, à formação inicial e continuada docente para que esses profissionais possam consequentemente engajar as experiências discentes.



Pesquisa como princípio pedagógico



- Estímulo à autonomia intelectual.
- Elaboração e resolução de problemas.
- Problematização de fenômenos sociais, históricos e políticos.
- Desenvolvimento individual e coletivo.
- Construção e reconstrução de conhecimentos.
- Consciência crítica e ética diante de relações sociais e processos de trabalho.
- Compreensão de diferentes visões de mundo.
- Atuação e transformação.



Vamos para mais um roteiro?

Recomendamos um vídeo e algumas perguntas norteadoras para aprofundar mais seus conhecimentos.

Roteiro 2

Tema: Desafios da educação Profissional Técnica de Nível Médio na forma integrada

Objetivo: compreender os elementos constitutivos da educação profissional técnica de nível médio na forma integrada

Reflexão inicial: Quais são os elementos que orientam minha prática docente?

Sugerimos o vídeo “Pedro Demo fala sobre Educação pela Pesquisa”. [Acesso completo ao vídeo.](#)

Perguntas norteadoras:

Como o docente pode utilizar a pesquisa como método de ensino?

Quais são os desafios em utilizar a pesquisa como princípio pedagógico?

Como a escola pode utilizar o princípio pedagógico da pesquisa para abordar gênero?



Formação humana integrada



A formação integrada sugere tornar íntegro, inteiro, o ser humano dividido pela divisão social do trabalho entre a ação de executar e ação de pensar, dirigir ou planejar” (Ciavatta, 2005, p.2).



Fonte: EPSJV/Fiocruz (2018).

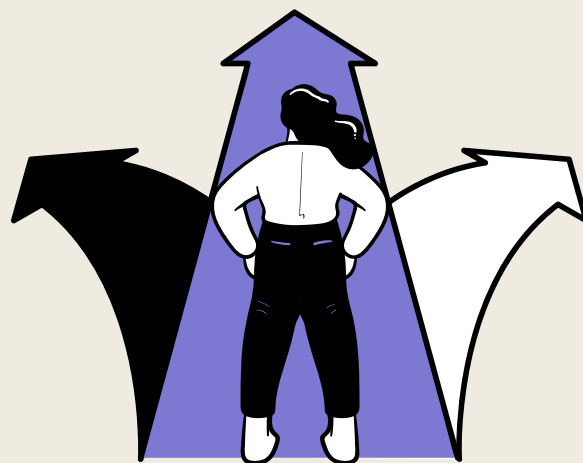
A formação humana integrada é uma das finalidades da educação profissional técnica de nível médio e um grande desafio em uma sociedade constituída de profundas desigualdades.

Ao estudar a história da educação formal no Brasil e no mundo, podemos entender a dificuldade de determinados grupos de acesso à educação escolar. No nosso país, especialmente, podemos observar a dualidade estrutural traduzida entre os que estudam e os que trabalham.

O ensino médio, por exemplo, é uma etapa na qual verificamos com mais nitidez esse processo, por existir uma ideia de formar para o acesso ao ensino superior e a ideia de inserção imediata no mercado de trabalho.

A formação humana integral a apropriação de conhecimentos considerando as diversas dimensões da vida.

É fundamental estimular os sujeitos a desenvolverem e a descobrirem as próprias potencialidades (Ramos, 2014; Frigotto, 2005) por meio dos mais variados conhecimentos produzidos pela humanidade como os fundamentos científicos, filosóficos, culturais, sociais, políticos, tecnológicos para que possam ter a possibilidade de escolher os caminhos que desejam trilhar.



O técnico e a técnica necessitam ter uma visão ampla dos desafios que enfrentarão no mundo do trabalho, como salienta um dos nossos colaboradores (C), ou seja, sujeito da pesquisa expressa:



Ele precisa entender que ele se relaciona com pessoas diferentes, visões de mundo diferentes, diferentes concepções de religião e de sexualidade. Então ele precisa entender que ele não pode impor a sua visão de mundo.

Ele tem que entender que nós vivemos num mundo, num mundo diverso, um mundo heterogêneo. O respeito ao diferente, o respeito às pessoas, o respeito à hierarquia do mundo de trabalho (C6).

Você pode estar se perguntando, mas como posso contribuir por meio de minhas práticas no dia a dia para uma formação humana integrada?

O diálogo é um elemento fundamental de uma formação crítica, não se reduz a somente uma conversação, é uma ação repleta de consensos e confrontos, o que, de certo modo, é a marca da realidade histórico-social, implica lidar com as contradições e as diferenças. Como afirma bell hooks (2013, p. 58):



**Ouvir um ao outro (o som de vozes diferentes),
escutar um ao outro, é um exercício de
reconhecimento.**

Fonte: Getty Images (2021)/O Globo.

Esse reconhecimento e respeito na sala de aula passa por:

● Respeitar o nome social (no caso de pessoas transgênero).

● Perguntar qual o pronome de tratamento adequado e utilizá-lo.

● Não tolerar desrespeito entre os discentes em sala de aula

Não existe problema algum em perguntar como as pessoas se identificam, o que pode ser feito em apresentações, formulários, conversas individuais com os discentes.

O que gênero tem a ver com Educação Profissional e Tecnológica?



De Olho Na Legislação

A Resolução CNE/CP nº 01/2021 trata dos princípios norteadores das **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional e Tecnológica**. Em um de seus princípios, mais precisamente no Capítulo III, inciso XIII, é pontuado o **reconhecimento das identidades de gênero**.

Reconhecer que as identidades de gênero são plurais é um passo importante, contudo, precisamos de ações mais pontuais que estimulem a valorização da diversidade de gênero e sexualidades, além do trabalho em busca da equidade de gênero.

Se a legislação garante o direito à identidade de gênero, o projeto pedagógico de curso deve fundamentar que essa escola torne esse direito realidade. Para isso, faz-se necessário **incluir no Projeto Pedagógico de Curso (PPC) eventos, projetos integradores, palestras, assim como o assecuramento de formações iniciais e continuadas para docentes acerca de gênero e diversidade.**

É cada vez mais urgente uma nova cultura escolar que promova um ambiente mais inclusivo por meio de ações pontuais. Por exemplo, no que concerne às pessoas transgênero que fazem parte do cotidiano escolar, mundo do trabalho ou campo político. Um dos entrevistados destaca:



E as condições de gênero também são a mesma coisa, a gente precisa entender para respeitar. E a gente, enquanto educador precisa entender para que possa respeitar e não discriminar (C3).

Conforme outro docente, a inclusão no PPC serviria como base para ações que de fato visassem à transformação das práticas:



A mudança do PPC é algo urgente, necessário. Se não mudar o PPC do curso, por mais que os docentes sejam estimulados com piscinas, formação, orientação, muitos deles não se veem na obrigatoriedade de tocar no assunto (C4).

Resolução N° 052/consup/ifam: Como a Legislação promove a diversidade na educação profissional?

A Resolução nº 52 é um marco na afirmação de políticas públicas, vinculando-se a leis nacionais, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e a organizações internacionais como a Unesco.

O que a Lei diz?

Ponto da legislação	O que significa para você, docente?
Resolução N° 052/Consup/Ifam	Garante que a Instituição priorize ações contra a discriminação de gênero e sexualidade. 2022-Resolução aprovada com prazo de um ano; 2025-Nedseg ainda não foi criado no CMC.
Criação do Nedseg (Art.8°)	Um núcleo para apoiar sua prática com materiais, pesquisas e formações.
Formação continuada (Art.84)	Capacitação para lidar com a discriminação e criar um ambiente e práticas mais inclusivos.

A criação e a implementação de um núcleo de estudos será de grande auxílio na identificação e no acompanhamento da promoção de práticas educativas mais equitativas, um apoio aos docentes e discentes, com a valorização de um ambiente mais diverso.

A comunidade escolar na totalidade pode ser beneficiada com a implementação de um núcleo.

Que tal conhecer e se inspirar em algumas ações realizadas por núcleos de outros Institutos Federais?

BOAS PRÁTICAS

O Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP (NUGS) fomenta discussões mediante atividades, grupos de estudo, produção de materiais, como diretrizes e cartilhas, que auxiliem no desenvolvimento de um ambiente institucional mais acolhedor.

Em 2024, o núcleo lançou a cartilha “**Vamos falar de Gênero e Sexualidade no IFSP**”? Para ter um [acesso completo ao guia](#).



Fonte: IFSP, 2024.



Fonte: IFTM, 2024.

O Núcleo de Estudos de Diversidade, Sexualidade e Gênero (NEDESEG) do IFTM promoveu uma **oficina “Letramento em diversidade, sexualidade e gênero”**. Para mais detalhes sobre esse evento, [clique aqui](#).

O Núcleo de Gênero, Diversidade e Sexualidade (NUGEDIS) do IFAL promoveu uma roda de conversa chamada **“Diversidade, Inclusão Escolar e o Mundo do Trabalho”**. Para saber mais, [clique aqui](#).



Fonte: IFAL, 2024.

O Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDS) do IFCE, em sua ação mais recente, realizou uma consulta pública para a comunidade contribuir para minuta da Política de Enfrentamento ao Assédio e outras formas de violência sexual. Para saber mais, [clique aqui](#).



Fonte: IFCE, 2024.

O Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (Nugedis) do Instituto Federal Fluminense organizou um evento institucional ao Dia Internacional de Combate à LGBTfobia. Para saber mais sobre as atividades desenvolvidas, [clique aqui](#).



Fonte: Instituto Federal Fluminense, 2023.



Desafios do mundo do trabalho

As transformações na sociedade contemporânea apontam novos funcionamentos das relações de trabalho, muitas caracterizadas por um padrão de instabilidade no que tange aos direitos trabalhistas

Nesse cenário, as relações entre os gêneros são afetadas de modos distintos por conta do aprofundamento das desigualdades sociais, como a tripla jornada de trabalho das mulheres, a discriminação ainda persistente motivada pela identidade de gênero e/ou orientação afetivossexual.

Em 2017, o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) lançou um conjunto de diretrizes para o setor privado, que versa acerca dos padrões de condutas para empresas no combate à discriminação da diversidade de gênero e sexualidade.

Em 2018, foram lançados oficialmente esses padrões em São Paulo por meio da campanha da ONU Livres & Iguais com empresas da iniciativa privada.



Fonte: ONU (2018).

O sistema de divisão social do trabalho é constituído por alguns elementos, um deles é o gênero. Sendo conhecido, portanto, como a divisão sexual do trabalho.

Um dos desafios do mundo do trabalho são os reflexos desse sistema. Isso quer dizer que, assim como as relações sociais ainda são constituídas de hierarquias como um desdobramento da concepção das diferenças percebidas entre os gêneros, isso tende a ser reproduzido nas relações de trabalho.

As concepções acerca desse sistema são fundamentadas nas autoras Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007, p.599), que assim o definem:



Fonte: RFI (2016).



A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos.



Fonte: L'Écolé Emancipée (2013).

Entendendo melhor o trecho supracitado: **a divisão sexual do trabalho decorre das relações sociais entre os sexos**, essa divisão é resultado de normas, valores e expectativas definidos com base no sexo biológico ao longo do tempo.

É um **fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos**, não é somente um resultado das relações, mas também uma estrutura que sustenta desigualdades.

A divisão sexual do trabalho seria baseada nas características atribuídas ao sexo biológico, contribuindo, dessa forma, para um sistema de gênero, que transforma essas características em hierarquia. Conforme as autoras, esse sistema teria dois princípios organizadores:

Princípio da separação:

áreas/profissões/trabalhos
tido como masculinos ou
femininos

Princípio da hierarquia:

trabalhos mais valorizados
do que outros com base no
sexo biológico

A **separação de trabalhos e áreas** considerados masculinos ou femininos decorre da ideia de que de cada gênero se espera um exercício de papéis diferentes. Por estarmos em um ambiente de educação profissional e tecnológica, é importante ter atenção para isso.

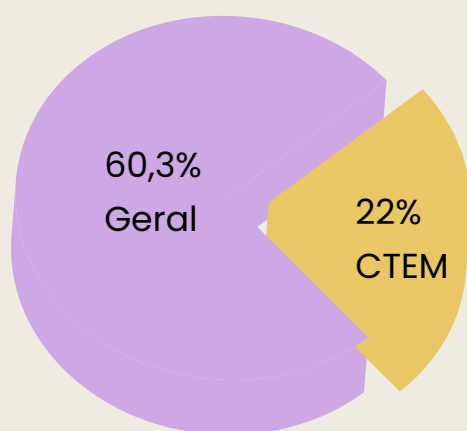
Mulheres e meninas ocupam 57,9% das matrículas na EPT (Inep, 2023). Sendo um forte motivo para que as práticas de ensino passem por transformações a fim de que abordem questões de gênero no mundo do trabalho, pois o índice de que mulheres estejam ocupando mais da metade das matrículas não se reflete na inserção e na permanência destas no mercado de trabalho.

No 4º trimestre de 2023, por exemplo, as mulheres correspondiam a 64,6% do total da taxa de pessoas que não compunham a força de trabalho (Dieese, 2024).

Existem dados consolidados acerca da participação das mulheres no mercado de trabalho e nos níveis de ensino. Contudo, em relação à população LGBTQIAPN+ nos mesmos segmentos, não há dados oficiais sistematizados na educação profissional, evidenciando essa lacuna.

Na Educação Superior, as mulheres são maioria, representando 60,3% dos estudantes concluintes. Contudo, nos cursos CTEM (Ciências, Tecnologias, Engenharias, Matemática e programas interdisciplinares abrangendo essas áreas), conforme o gráfico a seguir, essa realidade não se repete:

Gráfico 1-Participação feminina entre concluintes de graduação presencial (IBGE, 2024)



Fonte: Elaborado pela própria autora.

Uma dessas barreiras de acesso e permanência nesses cursos são os estereótipos de gênero. Isso requer um trabalho de desconstrução que deve iniciar ainda na Educação Básica. Por isso, a importância de articular mais atividades e debates que envolvam a representatividade de mulheres e outras identidades.

As condições e oportunidades de acesso ao trabalho deveriam ser as mesmas para todas as pessoas, mas, com base nas questões de gênero, observamos facetas que afetam segmentos da sociedade, como, por exemplo, as mães, uma vez que se carece de mais políticas públicas que apoiem essas pessoas.

A seguir, destacamos alguns dos relatos dos nossos colaboradores. No primeiro, observa-se uma experiência pessoal em relação ao mercado de trabalho na engenharia civil:



Interessante que o cara que foi lá atrás, na faculdade, ele esperou me conhecer, não sei porquê, porque ele já tinha uma opinião formada. E aí ele disse, olha, eu sinto muito, mas nós não queremos mulheres. As mulheres menstruam, tem TPM, tem gravidez (...). Então, foi a primeira vez que eu sofri preconceito por ser mulher. E ninguém me preparou para isso (C1).

No segundo relato, um dos nossos colaboradores menciona como o preconceito existente na construção civil pode impactar a vivência de mulheres, especialmente de pessoas transgênero:



Na questão do gênero, no caso de ser uma mulher, uma mulher transgênera, sei lá, em obra. Existe, sofre preconceito, sofre, mas aí vai depender dela e da condição dela, da imposição dela ter os resultados que hoje as mulheres têm e que alcançaram por conta da sua imposição. Isso aí, claro, mas o preconceito existe e é muito. É grande (C3).

Agora que já temos algumas noções dos desafios que compõem o mundo do trabalho, vamos para mais um roteiro? Que tal agora alguns autoquestionamentos para refletir mais sobre sua própria trajetória docente?

Roteiro 4

Tema: Desafios do mundo do trabalho pela perspectiva das relações de gênero

Objetivo: compreender os desafios do mundo do trabalho pela perspectiva das relações de gênero.

Reflexão inicial: De quantos desafios minha trajetória docente é composta?

Perguntas norteadoras:

Como posso preparar os estudantes nos desafios do mundo do trabalho através das minhas práticas?

Já presenciei situações de discriminação envolvendo gênero na instituição?

Como posso contribuir para que minhas práticas amenizem discriminações de gênero e/ou orientação afetivossexual?



Módulo 3:

Por um currículo Integrado sob uma perspectiva de gênero

Objetivo:

Apresentar os pressupostos do currículo integrado

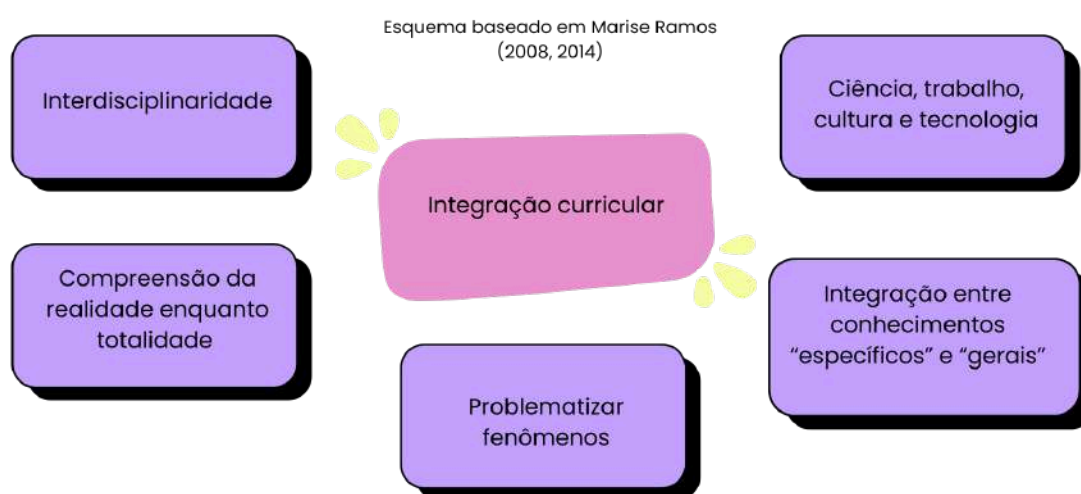
Conteúdos:

Problematização de fenômenos
Integração entre conhecimentos gerais e específicos

O currículo integrado é uma proposta do Ensino Médio Integrado – EMI, estruturado a partir dos eixos do trabalho como princípio educativo, das concepções de ciência, cultura e tecnologia, centrado na formação humana integrada.

Os pressupostos desse currículo estão ligados à integração dos conhecimentos, tendo como base a interdisciplinaridade. A compreensão da realidade e a problematização dos fenômenos são norteadores para a superação da fragmentação dos saberes. A seguir, apresentamos um esquema relacionando esses eixos:

PRESSUPOSTOS DO CURRÍCULO INTEGRADO



Em análise feita do PPC do curso técnico de Edificações na forma integrada, buscamos investigar as questões de gênero que aparecem no documento de forma implícita ou explícita, especialmente no programa das disciplinas.

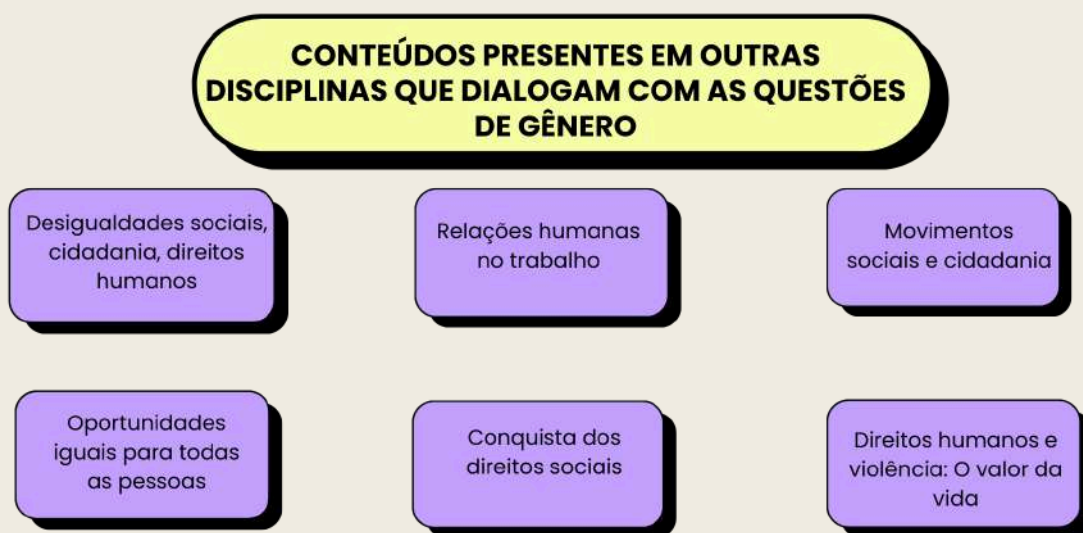
A escolha dos pressupostos da integração e problematização é norteadora, pois a abordagem de gênero tem um grande potencial de integrar esses dois princípios por meio do questionamento de estruturas que naturalizam desigualdades.

Abaixo um esquema de em quais disciplinas encontramos menções a gênero de modo explícito:

DISCIPLINAS QUE ABORDAM “GÊNERO” DE FORMA EXPLÍCITA



As demais disciplinas, ainda que não haja menções explícitas ao termo gênero ou relacionadas a ele, entendemos que possuem conteúdos que interagem com as temáticas que envolvem gênero e poderiam ser articuladas. A seguir, apresentamos um esquema de conteúdos encontrados no PPC:



Baseado no PPC/IFAM de Edificações na forma integrada (2020) nos conteúdos das disciplinas de Sociologia, Geografia, História, Filosofia e Gestão de pessoas.

Os referidos conteúdos foram encontrados nas disciplinas do núcleo comum do curso. Temas que possuem grande amplitude e poderiam ser abordados na ótica das relações de gênero, como as desigualdades sociais, cidadania, direitos sociais e as relações no trabalho.

Agora, vamos entender melhor como a integração e a problematização são ferramentas essenciais para construir práticas mais inclusivas na abordagem de gênero?

Integração entre conhecimentos

“ Há múltiplas determinações em qualquer processo produtivo, de base Mecânica ou Microeletrônica. Neles há a dimensão ambiental, social, cultural (Ramos, 2014, p.24). ”

A integração entre os conhecimentos é uma bandeira defendida no currículo integrado, por haver o entendimento de que os processos produtivos não envolvem apenas o conhecimento prático ou teórico, ambos se relacionam.

A formação técnica pressupõe os fundamentos científicos de determinado processo. É importante também que esses conhecimentos estejam contextualizados, é comum um indivíduo ter o conhecimento teórico, mas não saber relacioná-lo com contextos diferentes, na prática.

A interdisciplinaridade é um meio importante para lidar com a fragmentação disciplinar, na qual cada disciplina quer fazer com que seus objetivos sejam mais importantes que o objetivo maior, que é ser uma parte de uma totalidade que objetiva transformar a realidade.

A abordagem interdisciplinar pode ser compreendida como uma ponte entre as áreas, uma forma de interagir com áreas diferentes, partindo de uma mesma problemática ou recorte comum.

Problematização dos fenômenos

O dicionário Michaelis (2024) mostra que o termo “problematizar” possui dois sentidos:

- 1. Tornar problemático;**
- 2. Dar forma de problema a.**

Em algumas conjunturas, o ato ou efeito de problematizar possui uma conotação negativa, pois problema significa dificuldade ou obstáculo.

A problematização é um elemento indissociável nas concepções pedagógicas, que se centram na emancipação dos sujeitos, ao fazer parte de um processo que envolve aproximação e diálogo com a realidade.

“

O diálogo traz uma dimensão de que somos sujeitos, temos uma voz, somos construtores e reconstrutores das nossas relações. Não estamos apenas inseridos no mundo, mas estamos com o mundo (Freire, 1967).

A compreensão da realidade parte da atitude científica de desvelar e se aprofundar na investigação fundamentada em bases teórico-metodológicas. É sair da posição passiva de naturalização de relações e fenômenos, físicos, culturais ou políticos, assumindo uma posição de autocrítica e crítica. Em resumo:

Problematização:

Por que mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e outros grupos ainda são minorias nos cursos superiores de ciências exatas, engenharias e tecnologias? Será esse fenômeno algo de ordem natural ou resultado de estereótipos e barreiras institucionais?

Diálogo:

Debater com os alunos, ouvir experiências e concepções: Seria falta de interesse ou questões estruturais? Quais os impactos de uma sub-representação nessas áreas?

Pesquisa:

Buscar dados, histórias e teorias que expliquem o problema. Estatísticas de gênero: *Indicadores sociais das mulheres no Brasil*- IBGE.

Ação:

Criação de mural de cientistas mulheres, negras e LGBTQIAPN+, relacionando as contribuições científicas às disciplinas correspondentes.



Módulo 4:

Planejando Mundos Possíveis – Propostas para trabalhar gênero

Objetivo:

proporcionar ideias de atividades interdisciplinares que podem ser realizadas.

Conteúdos:

a importância de planejar
sugestões de atividades

A importância de planejar

O planejamento no ensino é uma necessidade que abrange um processo ou uma proposta a ser desenvolvida em relação a uma ação pedagógica. Mesmo diante dos condicionantes da realidade, o planejamento trabalha com possibilidades.

Abordar questões de gênero e diversidade é uma tarefa desafiadora, mas é possível com o devido planejamento. Contudo, não é possível planejar uma atividade que não visualizamos sentido em planejá-la.

Planejar difere do imaginar e sonhar, pois o planejamento possui o comprometimento com ações pontuais, com os recursos que serão utilizados. Existe uma intencionalidade educativa.

Nesse sentido, Vasconcellos (2002) propõe três dimensões do planejamento: a) realidade, b) finalidade, c) plano de mediação. Todos esses aspectos estão em contínua avaliação. Reflexão e prática interagem mutuamente.

a) Realidade: as teorias são como lentes que usamos para analisar, conhecer determinada realidade e então produzir conhecimentos sobre, pois, para conhecer essa dimensão, faz-se necessário perscrutar e se impregnar.

O **diagnóstico** e a **análise** são elementos que auxiliam na compreensão do real. Seria uma possibilidade analisar como os discentes compreendem as relações de gênero, o contexto em que estão inseridos, as especificidades que os envolvem, como entendem a diversidade com enfoque na identidade de gênero e orientação afetivossexual.

b) Finalidade: trata-se de projetar o se que deseja alcançar nas condições da realidade, pensar e imaginar possibilidades. A imaginação não faz parte somente de um modo contemplativo, mas também caminha juntamente com a criatividade.

Nas questões de gênero e diversidade sexual, podemos pensar nos valores e princípios que desejamos que guiem nossas propostas. Cada um pode ressaltar o que considera importante dentro desse universo. Exemplos:

- Construir um ambiente de tolerância e valorização da diversidade de gênero e sexualidade no ambiente institucional;
- Estimular a reflexão sobre os estigmas e estereótipos de gênero, principalmente os relacionados às profissões;
- Incorporar as temáticas de gênero e sexualidade nos eventos anuais, projetos integradores, projetos pedagógicos de curso, formações continuadas;
- Democratizar o acesso às discussões das relações de gênero, visando a uma sociedade menos preconceituosa.

c) Plano de mediação: é uma construção que tem como fundamento a realidade e a reflexão produzida. É caracterizado como o momento de maior concretude do que se pretende alcançar, a sistematização de como será a operação.

É o momento de definir:

● **Conteúdos;**



● **Metodologia:** Cine Debate, Roda de Conversa, Ciclo de Palestras, Oficinas e entre outros;



● **Recursos humanos:** Estudantes, Docentes, Pedagogos, Técnicos, Convidados;



● **Cronograma.**



Sugestões de atividades

Atividade 1

Tema: Construção e arquitetura das cidades na perspectiva do gênero

Objetivo: trabalhar a historicidade da construção de espaços públicos e privados a partir das relações de gênero

Justificativa: é comum que, nos nomes de ruas, bairros, avenidas, monumentos e edifícios públicos construídos, os homenageados sejam nomes masculinos. A cidade não é um espaço neutro.

A falta de representatividade de mulheres é um aspecto, além disso, existe a insegurança e a violência direcionada a grupos em vulnerabilidade, como mulheres em sua diversidade e a população LGBTQIAPN+,

As cidades e seus espaços próprios, bem como as políticas públicas direcionadas a esse espaço, dificilmente consideram a perspectiva desses grupos mais vulneráveis.

Articulação entre possíveis disciplinas: História, Sociologia, Geografia, Filosofia, Artes (Contextos históricos, sociais, políticos, estéticos e filosóficos da construção das cidades) e específicas como: Desenho Arquitetônico, Materiais de Construção, Tecnologia da Construção Civil e entre outras.



Relação com o princípio pedagógico da pesquisa: mapeamento espacial mediante a coleta de dados dos nomes de ruas, praças, espaços públicos. Analisar se estes homenageiam homens, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+.



Para se inspirar

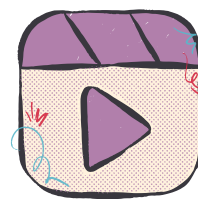
Carmen Velasco Portinho (1903–2001) foi uma engenheira e arquiteta brasileira. Intitulada como **patrona do Urbanismo no Brasil**, mediante a aprovação da Lei 14.477/2022.

Atuou ativamente na luta feminina pelo direito ao voto e marcou a história do urbanismo brasileiro por meio de projetos urbanísticos desenvolvidos pela concepção de políticas habitacionais na construção das cidades.





Saiba mais

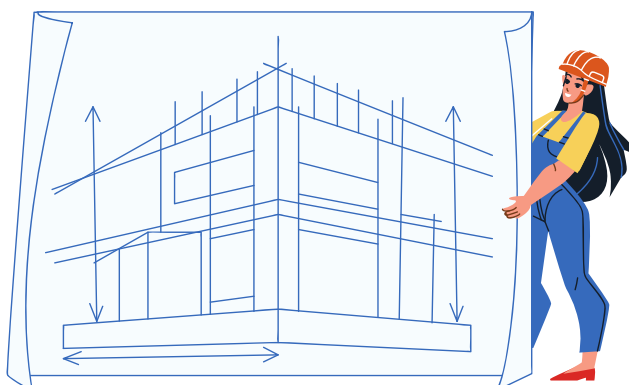


Ouçá o podcast **“Gênero e cidades”** do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Disponível em: <https://on.soundcloud.com/fPU9PCM2Y8kRW4PFA>

Assista ao vídeo **“Quem pensa as cidades? Racismo na arquitetura”** com a arquiteta e urbanista Stephanie Ribeiro. Disponível em: <https://abrir.link/hQtHe>

Acesse o guia **“Gênero e cidades: Guia Prático e Internacional para Cidades mais inclusivas”**. Disponível em: <https://abrir.link/NoFWU>

Carmem Portinho como patrona do Urbanismo no Brasil. Instituto de Arquitetos do Brasil. Disponível em: <https://iab.org.br/carmem-portinho-como-patrona-do-urbanismo-no-brasil/>



Atividade 2

Tema: Quebrando barreiras: mulheres e suas contribuições científicas



Fonte: Pesquisa Fapesp, 2020.

Objetivo: conhecer contribuições importantes feitas por mulheres cientistas em diferentes áreas do conhecimento.

Justificativa: existem inúmeras invenções no dia a dia que foram feitas por mulheres e não se tem dimensão disso.

A atividade pode ser essencial no oferecimento de possibilidade de aumento do ingresso de mulheres nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, além de contribuir para o fortalecimento de uma maior consciência crítica quanto às questões de gênero.

Possíveis disciplinas envolvidas: todas podem contribuir.

Relação com o princípio pedagógico da pesquisa: pesquisa crítica sobre a participação de mulheres negras, indígenas, LGBTQIAPN+ na ciência, integração entre conhecimentos e produção de recursos para apresentar e explorar as contribuições de mulheres com o intuito de combater pensamentos sexistas.

Para se inspirar

Enedina Alves Marques (1913–1981) foi a primeira mulher negra a se formar em engenharia civil pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Um de seus maiores feitos foi a construção da Usina Capivari-Cachoeira. A UFPR inaugurou um mural em sua homenagem, destacando sua representatividade.

Para saber mais sobre o mural e sua importância:

[UFPR recebe mural de Enedina Alves Marques; primeira engenheira negra do Brasil se formou na universidade em 1945 | Paraná | G1](#)



Fonte: Fundação Cultural Palmares, 2017.

Shirley Ann Jackson é uma física norte-americana, possui importantes pesquisas que contribuíram para o desenvolvimento do campo das telecomunicações, como o identificador de chamadas no telefone celular, cabos de fibra óptica, fax portátil, entre outros.



Para saber mais sobre a trajetória da dra. Shirley.



Fonte: Black Inventor, 2019.



Fonte: EESC, 2013.

Para saber mais sobre os desafios vividos pela engenheira.



Evelyna Bloem Souto (1926-2017) foi uma engenheira civil que ingressou na primeira turma de Engenharia da Universidade de São Paulo (USP). Atuou de forma importante na criação do departamento de Geologia e Mecânica dos Solos na Escola de Engenharia de São Carlos (EESC).



Fonte: Museu da Pessoa, 2023.

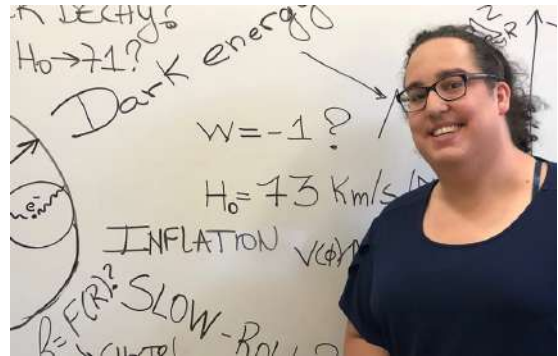
Maria do Amparo Xavier Santos foi primeira mulher Mestra de Obras do estado da Bahia. Homenageada pela prefeitura de Salvador através do projeto Marias na Construção.

Para mais informações acerca da biografia de Maria do Amparo.



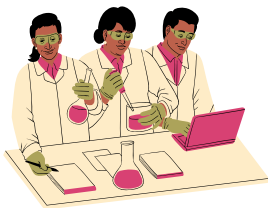
Vivian Miranda é uma premiada física brasileira e doutora em Astrofísica pela Universidade de Chicago.

Foi a única brasileira a participar de um desenvolvimento de satélite da Nasa com previsão de lançamento em 2025.



Fonte: Sociedade Brasileira de Física, 2019.

Para saber detalhes sobre a preiação em Física recebida.



Saiba mais



Playlist da TV UFMG chamada “Mulheres cientistas” composta de oito vídeos, que apresentam as contribuições de cientistas mulheres de diferentes áreas do conhecimento na atualidade. [Acesso ao primeiro vídeo da série.](#)



Material produzido no Instituto Federal de Sergipe (IFS) intitulado “Mulheres entre Ciência e Arte: Caderno Pedagógico”, o caderno conta a história de quatro mulheres que se destacaram nos campos científicos e artísticos. [Para acesso completo ao material.](#)



Atividade 3

Tema: Mulheres na Amazônia

Objetivo: conhecer as contribuições do trabalho de mulheres pesquisadoras da região amazônica, podendo ser do próprio Instituto Federal, assim como acerca da presença de mulheres que contribuíram cientificamente para a região; compreender a diversidade de mulheres que compõem a região.

Justificativa: a atividade proposta pode favorecer o reconhecimento de que o contexto regional também produz ciência, além da compreensão de que as mulheres exercem atividades contribuindo para o desenvolvimento da região, como também as mulheres indígenas.

Possíveis disciplinas envolvidas: todas podem contribuir.

Relação com princípio pedagógico da pesquisa: investigação de problemática socioeconômica e ambiental, utilizando integração entre as disciplinas, mapeamento de pesquisadoras da instituição e identificação de obstáculos que impactam esses trabalhos.

Para se inspirar

A jovem Alexandrina foi uma “aprendiz naturalista” notável, que se destacou no diário de Elizabeth Cary Agassiz (1822-1907), uma das integrantes da Expedição Thayer e esposa de Louis Agassiz (1807 - 1873), que liderava a empreitada.

As habilidades de Alexandrina relacionadas à botânica e o conhecimento da mata, conforme o registro, foram essenciais para o encaminhamento da expedição (Melo, 2021).



Fonte: Portal Amazônia, 2017.



Fonte: Instituto Mamirauá , 2019.

Miriam Marmontel é uma referência amazônica e mundial na pesquisa de Mamíferos Aquáticos da Amazônia. Embora não seja natural da Amazônia, a pesquisadora realiza um trabalho fundamental na conservação da região, atuando há décadas em projetos e pesquisas de campo.

Saiba mais



O podcast “**Elas na Ciência**” conta com dez episódios e apresenta a trajetória de cientistas amazonenses e resultados de pesquisas desenvolvidas por elas. O primeiro episódio traz a pesquisadora de gênero na Amazônia, a Dra. Iraildes Caldas Torres. [Acesso completo ao primeiro episódio da série.](#)

“Crônica de gente pouco importante VI: Alexandrina, a aprendiz de naturalista” escrita pela historiadora Patrícia Alves Melo. [Acesse aqui.](#)

“MULHERES QUE FIZERAM PARTE DA CONSTRUÇÃO DO QUE É A AMAZÔNIA - PORTAL AMAZÔNIA”. [Acesse aqui.](#)



Fonte: Portal da Amazônia, 2017.

Atividade 3

Tema: A diversidade de gênero e sexualidade

Objetivo: compreender os conceitos de identidade e orientação afetivossexual.

Justificativa: tendo em vista que essa diversidade é uma realidade no espaço institucional, também existem reflexos disso no mundo do trabalho. Portanto, o intuito de minimizar preconceitos é fundamental para desmitificar algumas ideias e concepções predominantes acerca de grupos/indivíduos, nesse caso em específico, o grupo de pessoas LGBTQIAPN+.

Sugestões de abordagens: ética nas relações de trabalho; direitos humanos; respeito à diversidade, entre outras.

Possíveis disciplinas envolvidas: todas podem contribuir.

Relação com o princípio pedagógico da pesquisa: pesquisa de conceitos sobre gênero e diversidade sexual, identificação de estereótipos/normas em seu meio social e a relação disso com o mundo do trabalho, ou seja, relação entre teoria e prática.

Para se inspirar



Fonte: Memento Revisão (2020).

“Não são nossas diferenças que nos separam, mas nossa relutância em reconhecê-las e lidarmos de forma efetiva com as distorções que resultam de as termos ignorado e confundido.”

Audre Lorde em “Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a diferença (1980).

Saiba mais



Aprofundando a temática

Sugestão de Leitura **“Gênero, Sexualidade e Educação – Uma perspectiva pós-estruturalista”** da autora Guacira Lopes Louro. [Acesse o livro completo.](#)

O documentário **“LGBT e trabalho: uma jornada de conquista e liberdade”** produzido no âmbito do Instituto Federal Sergipe retrata os desafios do mundo do trabalho para pessoas LGBT. [Acesso ao documentário completo.](#)

“Estudantes demandam discussões sobre gênero, raça e sexualidade na escola”. O site Gênero e Educação apresenta projetos desenvolvidos de gênero nas escolas. [Clique aqui.](#)



Fonte: Gênero e educação, 2023.

A Escola Virtual de Governo oferece o curso gratuito aberto **“Promoção e Defesa dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+”**. Para mais detalhes, [acesse.](#)



Sobre Lucy e Deilson



Lucy Lany Ribeiro Gusmão

Licenciada em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Especialista em História e Cultura Afro-brasileira. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM), investiga gênero e diversidade sexual no ensino. É também poetisa, utiliza a palavra como uma forma de expressar seu olhar sensível sobre o mundo.



Deilson do Carmo Trindade

Licenciado em História pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA; Especialista em Historiografia do Amazonas pela Faculdade Táhirih - FT; Mestre e Doutor em em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM, e do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT.

Referências

ALVES-MELO, Patrícia. **Luis, Alexandrina e Trajano**: os ajudantes esquecidos dos naturalistas na Amazônia. In: DE FIGUEIREDO, A.M.; DE NAZARÉ SARGES, M.; BARROSO, D.S. Águas negras: estudos afro-luso-amazônicos no oitocentos. [S. l.]: Universidade Federal do Pará, 2021. p.129-150. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=JLAD0QEACAAJ>. Acesso em: 27 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP nº 1, de 05 de janeiro de 2021. Brasília: MEC, 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>. Acesso em: 27 dez. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio teixeira (INEP). Censo Escolar, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/saiba-mais-sobre-o-panorama-das-mulheres-na-educacao-basica>. Acesso em: 27 dez. 2024.

CIAVATTA, M. A FORMAÇÃO INTEGRADA A ESCOLA E O TRABALHO COMO LUGARES DE MEMÓRIA E DE IDENTIDADE. **Revista Trabalho Necessário**, v. 3, n. 3, 6 dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6122>. Acesso em: 27 dez. 2024.

CURIE, Marie. **Pierre curie**. [S. l.]: the macmillan company, 1923. Disponível em: <http://archive.org/details/pierrecurie0000mari>. Acesso em: 30 dez. 2024.

DEMO, Pedro. **Pesquisa princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, 2006.**

FIGARO, Roseli. O mundo do trabalho e as organizações: abordagens discursivas de diferentes significados. **Organicom**, v. 5, n. 9, p. 90-100, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/138986>. Acesso em: 8 out. 2024.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Trabalho**. In: Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008. Disponível em: <http://www.sites.epsjv.fiocruz.br/dicionario/apresentacao/dowlivfictec.html>. Acesso em: 30 dez. 2024.

HIRATA, Helena; KEAGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO FEDERAL DO IFAM. Conselho Superior. Resolução nº 052/ 2022, de 02 de junho de 2022. Aprova o Regulamento das Políticas de Ações Afirmativas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM. Manaus: Conselho Superior, 2022. Disponível: http://www2.ifam.edu.br/pro-reitorias/pesquisa-e-inovacao/ppgi/arquivos/35.Resoluo_n_052Proc.23443.021478202011_Aprova_o_Regulamento_de_Polticas_Af.pdf. Acesso em: 27 dez. 2024.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é**. In: CASSIO, Fernando (org). Educação contra barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: <https://campanha.org.br/analises/rogerio-diniz-junqueira/a-ideologia-de-genero-existe-mas-nao-e-aquilo-que-voce-pensa-que-e/>. Acesso em: 28 dez. 2024.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, [s. l.], v. 32, p. 725–748, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Ns5kmRtMcSXDY78j9L8fMFL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2024.

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências. Brasília, DF: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>

PEREIRA, Cleyton Feitosa. Conexões entre os movimentos Feminista e LGBT no Brasil. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia, v. 31, n. 1, 2018. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/40751>. Acesso em: 12 jun. 2025.